



# Macroscópio

Por José Manuel Fernandes, Publisher

Boa noite!



A geografia é tramada – por mais voltas que deem os homens há realidades determinadas pelo mundo físico que não mudam mesmo quando passam as gerações. Muitas gerações. Há mais de 500 anos um português arrojado e visionário, Afonso de Albuquerque, percebeu que o domínio das rotas comerciais do Oriente dependia do controle de alguns (poucos) pontos vitais. Um deles era Ormuz, na entrada do Golfo Pérsico. Foi essa, em 1515, a última conquista de Albuquerque. Quando regressou a Goa soube que tinha sido destituído e morreu pouco depois. Cinco séculos passados é precisamente nessas águas por onde ele navegou que se desenrola um dos dramas dos dias que correm – a escalada de tensão entre os Estados Unidos e o Irão.

Porque é que me lembrei de Albuquerque? Porque Robert D. Kaplan, autor de um livro notável, sobre geopolítica – [The Revenge of Geography](#)

–, antes de discutir no New York Times esta crise, sublinha precisamente as condições muito particulares daquela região do mundo: “*In a world of global financial markets, 5G networks and cyberwar, geography still rules. The two shipping lanes in the Strait of Hormuz, each [two miles wide](#), hold the key to the Persian Gulf and roughly half of the world’s proven oil reserves and production capacity*”. É precisamente assim que começa o seu artigo [This Isn’t About Iran. It’s About China.](#), onde defende que “*Whether or not Trump realizes it, the current standoff in the Middle East is about something much bigger than the Gulf.*” E é mesmo. Kaplan descreve todos os investimentos que a China está a fazer na região, todos eles integrados na sua “Belt and Road Initiative”, a “nova rota da seda” que criará ligações por terra que virão do interior da China e sairão em portos que já estão a ser construídos perto de Ormuz. É olhando para este quadro, para estes planos a muito longo prazo, que Robert D. Kaplan considera que neste confronto os Estados Unidos já estão a perder: “*China has a grand strategy that understands all this geography and culture. The United States, by contrast, is pursuing a myopic, war-by-choice strategy with Iran. Its withdrawal from the free-trading alliance in maritime Eurasia, known as the Trans-Pacific Partnership, shows that Washington has no plan to compete with the Belt and Road Initiative. The Americans are obsessed with the Persian Gulf as a small, distinct region; the Chinese see the larger, more fluid geographical picture.*”

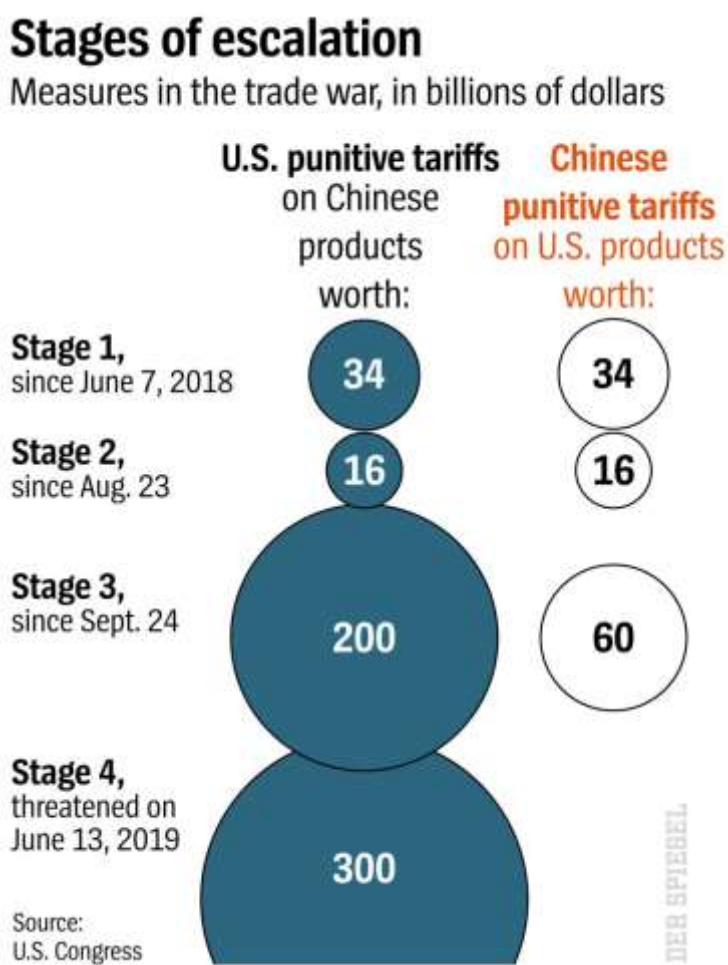
O interessante deste artigo é juntar as duas frentes em que Donald Trump se movimentou nas últimas semanas: a iraniana, com uma escalada verbal e vários incidentes no terreno (ataques a petroleiros e abate de um drone americano, tudo isto no estreito de Ormuz); e a chinesa, com o agravar da guerra comercial e a expectativa gerada em torno do encontro entre os presidentes americano e chinês na cimeira do G20, a decorrer em Osaka, no Japão.



Ora sobre quem tem os melhores trunfos e a melhor estratégia, os analistas divergem. E se Kaplan, como vimos, é muito crítico dos Estados Unidos, já Gerard Baker, escrevendo na *The Spectator*, considera que *“America's new strategy towards China could actually work”*. Em [Trump vs Xi: the new Cold War is hotting up](#) defende que, *“On China, however, even critics acknowledge his administration has fundamentally reoriented US policy – and in a way that might even work. For years, China has been stealing secrets from western giants, prospered under an unfair trade regime, and got away with it. It took Trump to blow the whistle.”* Em concreto, este autor defende que Trump tem uma estratégia e que esta assenta em quatro pilares: *“The first is to restrain and challenge China’s technological growth and prowess and its ability to exploit technology to project its influence and power. (...) The second pillar is a concerted effort to reduce US economic dependency on China. Tariffs may be justified in Trump’s mind by China’s ‘cheating’, but they are also clearly designed to discourage US investment in China. (...) Then we have the US seeking to strengthen its general influence in Asia, as a counterweight to China. This means bolstering its defensive partnerships with key allies such as Japan, South Korea and the Philippines. (...) The fourth and final pillar of the Trump strategy is a broad effort to improve US offensive capabilities. To start thinking more openly about war with China, and how it might be won and then, just as it did with the Soviet Union in the 1980s, raise the pressure with effective*

military competition.”

Sem querer desempatar, parece haver pelo menos um ponto em que esta nova estratégia americana apanhou de surpresa os chineses, que não esperavam que a guerra comercial atingisse estas proporções. Isso mesmo se depreende de um artigo hoje publicado no sempre bem informado South China Morning Post, da Hong Kong, sintomaticamente intitulado [China tries to bridge gap in knowledge about the US following criticism that misreading of Donald Trump helped trigger trade war](#).



A imagem acima, retirada da alemã Der Spiegel, dá bem uma imagem da dimensão que a guerra comercial está a assumir, sendo que no meio fica uma Europa pouco preparada. Isso mesmo é abordado na peça [In A Newly Bipolar World, Europe is Caught in the Middle](#), sendo que nela se dá conta de uma hesitação quase incompreensível se pensarmos que a China não é uma democracia, bem pelo contrário: “*The trade war*

*between the United States and China is increasingly creating a bipolar world. As U.S. President Donald Trump and Chinese President Xi Jinping prepare to meet at the upcoming G-20 summit, Europe is facing an increasingly tense dilemma: Which side should it choose?” Eis como no artigo se fundamenta esse dilema: “If another president was running the U.S., that question would be easy to answer. Europe shares its fundamental values and economic order with the United States, not with China, an authoritarian country. But Donald Trump, and his aggressive "America First" economic and tariff policies are posing a challenge not only to China, but also to the U.S.'s European allies and states like Canada, Japan and South Korea. All of these countries -- especially trade-dependent Germany -- have interests in China. The decision between Washington and Beijing isn't an alternative -- it's a dilemma. At the moment, it's the U.S. government -- more than Beijing -- that is pushing the rest of the world to take a clear stance.” O exemplo que a seguir é dado é o da forma como a administração americana tem tentado travar os avanços globais da Huawei.*

\*\*\*\*\*

**Uma mensagem da NOS:** O 5G veio para mudar as nossas vidas, e é muito mais do que simples evolução do 4G. É um avanço imparável em direção ao futuro conectado. Fique a conhecer através [deste Explicador](#) o essencial sobre a nova geração de redes móveis.

\*\*\*\*\*

Seja lá como for, a verdade é que tomar decisões não parece ser uma especialidade europeia, e um bom exemplo disso é a forma como se arrastam as negociações para decidir quem vai ocupar os lugares cimeiros na União Europeia no próximo quinquénio, um processo relatado pelo Politico em [Tusk, seeking deal on EU leaders, hears from Trump instead](#), uma reportagem em Osaka onde o presidente do Conselho Europeu continuou sem ver fumo branco e onde o jornalista constatou a evidência: “*Nearly everyone trying to broker a deal on how to fill the EU's top jobs is negotiating from a position of weakness.*”



Regressemos agora aonde começámos, ao estreito de Ormuz e à tensão Estados Unidos/Irão, para vos dar conta de dois olhares de novo contrastantes. O primeiro, de David Ignatus no *The Washington Post*, considera que é Trump que neste momento tem mais trunfos na mão. Em [Iran must escape the American chokehold before it becomes fatal](#) explica que *“The most important variable in the current Persian Gulf confrontation is time. The Trump administration wants to play a long game, to draw the sanctions tourniquet ever tighter. Iran needs to play a short game, to escape the U.S. chokehold before it becomes fatal. This inner dynamic helps explain the past month’s events in the gulf – Iran’s steady escalation of deniable strikes and President Trump’s relatively restrained military response. Each side has a different playbook, dictated by its interests, resources and ability to sustain operations.”* No essencial a sua tese é que as sanções estão a funcionar e os Estados Unidos só têm a ganhar com a passagem do tempo, enquanto o Irão ganha com uma crise que possa surgir na sequência de um incidente militar, quebrando o actual impasse.

Já a revista *The Economist* considera que a estratégia americana é perigosa e pode ser ineficaz, defendendo em [As America and Iran inch closer to war, new talks are needed](#). No seu principal editorial começa por recordar que *“Hard-hitting sanctions brought Iran to the negotiating table in 2015, but they are unlikely to lead to the transformation Mr Trump wants. One reason is that he has discredited Hassan Rouhani, Iran’s president and a champion of the nuclear deal. Hardliners are now*

*calling the shots. Another is that America is acting alone. In 2015, in a rare moment of international unity, it had the support of its European allies as well as Russia and China.” Agora, sem esse enquadramento, a pressão americana seria menos eficaz e até poderia ser contraproducente: “Perhaps sanctions or war will cause the regime to crumble. But that is hardly a strategy: Cuba has resisted sanctions for decades. More probably, a defeated Iran would heed the lesson of nuclear-armed North Korea and redouble its efforts to get a bomb.”*

Todos estes diferentes cenários são abordados no primeiro Conversas à Quinta que foi também transmitido na [Rádio Observador](#). Este meu programa com Jaime Gama e Jaime Nogueira Pinto, já com mais de cinco anos de vida, teve como ponto de partida o anúncio pelo actual presidente dos Estados Unidos da sua recandidatura, mas mesmo sendo as eleições só em Novembro de 2020, aqui fica a nossa troca de pontos de vista: [Trump já entrou na corrida. Poderá ser reeleito?](#) Numa América profundamente dividida, onde tudo pode acontecer, falámos do que mudou, ou não mudou, no país, assim de como alterou, ou não, as regras do jogo à escala global. Constatámos que nem sempre o que parece, é, por isso não deixem de ver, ou de ouvir.

De resto, desejo-nos bom descanso e um reconfortante fim-de-semana.

**Siga-me no [Facebook](#), [Twitter \(@JMF1957\)](#) e [Instagram \(jmf1957\)](#)**

**Mais pessoas vão gostar da Macroscópio. Partilhe:**

[no Facebook](#) [no Twitter](#) [por e-mail](#)

**Leia as últimas**

[em observador.pt](#)

**OBSERVADOR** Eleito melhor jornal generalista 2018

©2019 Observador On Time, S.A.

Rua João Saraiva, n. 7, Lisboa

[Gerir newsletters](#)

[Clique aqui](#) para deixar de receber todas as newsletters do Observador